

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
<i>Ataliba T. de Castilho</i>	
INTRODUÇÃO.....	11
<i>Ataliba T. de Castilho</i>	
A COORDENAÇÃO.....	26
<i>Sanderléia Roberta Longhin, Erotilde Goreti Pezatti e Norma Novaes Marques</i>	
A SUBORDINAÇÃO SUBSTANTIVA: MODALIDADE EPISTÊMICA E GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES MATRIZES.....	94
<i>Sebastião Carlos Gonçalves, Marize Dall’Aglío Hattner e Gisele Cássia de Sousa</i>	
A SUBORDINAÇÃO ADJETIVA.....	132
<i>Edvaldo Balduino Bispo e Angélica Furtado da Cunha</i>	
ORAÇÕES DE TEMPO, CAUSA E CONDIÇÃO AO LONGO DOS SÉCULOS XVIII A XXI	170
<i>Maria Luíza Braga e Maria da Conceição de Paiva</i>	
A GRAMATICALIZAÇÃO DAS ORAÇÕES DE GERÚNDIO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DO SÉCULO XVIII AO SÉCULO XX	222
<i>José da Silva Simões</i>	
DIACRONIA DA CONCORDÂNCIA	284
<i>Ataliba T. de Castilho, Bruno Maroneze, Célia Maria Moraes de Castilho, Edilaine Buin, Flávia Orci Fernandes, Janaina Olsen e Marcel Caldeira</i>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	401
OS AUTORES.....	427

APRESENTAÇÃO

Ataliba T. de Castilho

Este volume faz par com o volume 4, visto que em ambos a sintaxe diacrônica do português brasileiro (PB) é trabalhada de uma perspectiva funcionalista.

No primeiro capítulo “A coordenação”, Sanderléia Roberta Longhin, Erotilde Goreti Pezatti e Norma Novaes Marques apresentam um estudo da sintaxe e da semântica histórica das construções coordenadas do português. O foco repousa na caracterização formal e funcional dos três principais sistemas de coordenação, *aditivo*, *alternativo* e *adversativo*, e no reconhecimento e descrição dos principais aspectos de instabilidade e de permanência mostrados pelas construções coordenativas, na história do português.

No capítulo “A subordinação substantiva”, Sebastião Carlos Gonçalves, Marize Dall’Aglia Hattner e Gisele Cássia de Sousa tratam, sob perspectiva da gramaticalização, da formação de construções parentéticas epistêmicas originadas de sentenças matrizes epistêmicas cujas subordinadas ocorrem em posição argumental de sujeito e de objeto. Após oferecerem um panorama geral da modalização epistêmica envolvendo esses dois tipos de subordinadas na história do PB, suas análises concentram-se na formação das construções parentéticas epistêmicas. Em suas interpretações diacrônicas, os autores sustentam que favorecem a formação de parentéticas originadas de matrizes de sentenças objetivas (i) *presença de subordinadas finitas*; (ii) *não realização de complementizador entre matriz e subordinada*; (iii) *uso de alguns mesmos predicados em construções adjetivas ou adverbiais também em função parentética*; (iv) *baixo grau de certeza epistêmica expresso nas construções matrizes*; e (v) *demarcação prosódica da construção matriz*, representada, na escrita, por vírgula separando-a da sentença subordinada finita. Os mesmos parâmetros (i) e (ii) explicam também a formação de parentéticas originadas de matrizes de sentenças subjetivas. As duas formações diferem, entretanto, nos seguintes parâmetros de parentéticas originadas de matrizes de orações subjetivas: (i) *alto grau de certeza epistêmica*; e (ii) *dispensabilidade de cópula da construção matriz*. Numa generalização de seus resultados, os autores

concluem que a construção parentética emerge de um contexto de subordinação sentencial, se, e somente se, existir uma construção matriz epistêmica que lhe dê origem, desfazendo, como consequência, a relação de subordinação sentencial anteriormente existente.

No capítulo “A subordinação adjetiva”, Edvaldo Balduino Bispo e Angélica Furtado da Cunha tomam em conta diferentes aspectos dessa estrutura. Os autores apresentam uma caracterização das propriedades formais, semânticas e pragmáticas da oração adjetiva e descrevem os modos de codificação dessa oração. Em seguida, abordam questões de variação e mudança com base em estudos sincrônicos e diacrônicos sobre o tema. Examinam ainda as motivações cognitivas e discursivo-pragmáticas responsáveis pelo uso das estratégias de relativização. Os autores consideram, ainda, as chamadas relativas livres e as estruturas desgarradas e finalizam o capítulo, discutindo o estatuto gramatical do *que* prefaciador desses padrões oracionais.

Em “Orações de tempo, causa e condição ao longo dos séculos XVIII a XIX”, Maria Luiza Braga e Maria da Conceição de Paiva analisam os subsistemas dos conectivos temporais, causais e condicionais a partir de algumas propriedades morfossintáticas e discursivas das orações que estes elementos encabeçam. Inicialmente, as autoras circunscrevem o quadro teórico adotado, caracterizando, com base em Halliday (1994), a noção de oração hipotática e nuclear. As orações foram identificadas a partir de critérios formais e semântico-pragmáticos. Todas são conectivas e foram examinadas à luz de variáveis como posição da oração hipotática face à sua nuclear, correlação modo-temporal e correferencialidade entre os sujeitos das orações hipotática e nuclear. A análise permite mostrar relativa estabilidade das orações de tempo, causa e condição no período compreendido entre os séculos XVIII a XXI. Para todas as relações semânticas, destaca-se o uso preferencial de um conector em particular e a sua polifuncionalidade. Mudanças mais significativas puderam ser apreendidas na posição da oração e na forma de realização do sujeito das hipotáticas. Os resultados apontam para uma oscilação maior entre anteposição e posposição para as de tempo e condição. Para as hipotáticas causais, por sua vez, a posposição à oração núcleo é a forma de ordenação preferencial em todos os períodos, excetuando-se as orações encabeçadas pelo conector *como*. No nível morfossintático, a alteração mais significativa é a diminuição da categoria vazia como sujeito da oração hipotática, principalmente a partir do século XIX. No que se refere à configuração modo-temporal, destacou-se no capítulo a predominância da correlação

entre formas verbais de presente do indicativo. Mudanças mais significativas nas correlações modo-temporais foram apreendidas para as hipotáticas condicionais, em particular o decréscimo das formas verbais de subjuntivo.

No capítulo “A gramaticalização das orações de gerúndio no português brasileiro do século XVIII ao século XX”, José da Silva Simões investiga as orações de gerúndio sob uma perspectiva multissistêmica da língua. Na primeira parte do estudo, o autor estabelece critérios para uma definição dos variados tipos de orações de gerúndio do PB a partir de suas propriedades sintáticas. A quantificação dos dados revelou aspectos interessantes a respeito da gramaticalização das orações de gerúndio no PB: (i) redução significativa das orações adverbiais reduzidas de gerúndio do século XVIII ao XX, o que mostra que estas estruturas devem estar em competição com outros recursos sintáticos (orações conjuncionais e outros processos de junção de enunciados) e (ii) a problemática que envolve a redução das orações adverbiais de gerúndio e o aumento das perífrases de gerúndio. No sistema do Discurso, o autor verificou que as orações de gerúndio (i) exibem a propriedade pragmática de articulação tópica, (ii) são mais frequentes em textos de maior planejamento como as *memórias*, as *cartas da administração privada* e as *cartas oficiais*, enquanto as perífrases são mais usadas em textos menos formais como as *cartas particulares* e textos mais próximos da oralidade, como os diálogos de *teatro*, bem como os *inquéritos de língua falada* (século XX). No sistema da Semântica, o capítulo mostra que essas orações apresentam-se num processo de dessemantização, por exibirem menos relações proposicionais, se comparadas às construções absolutas. Estas últimas mostram uma maior produtividade de relações proposicionais e nelas mantêm-se mais preservadas as propriedades discursivas específicas de cada gênero ou tipo de texto, comprovando que os critérios associados ao modelo de tradições discursivas são bastante pertinentes na análise dos processos de mudança linguística nos três subsistemas investigados.

Finalmente, no capítulo “Diacronia da concordância”, Ataliba T. de Castilho, Bruno Maroneze, Célia Maria Moraes de Castilho, Edilaine Buin, Flávia Orci Fernandes, Janaina Olsen e Marcel Caldeira estudam as diversas possibilidades de concordância nominal e verbal no português do Brasil, do século XIX até o século XXI, com fundamento em cartas oficiais e cartas particulares. Os autores concebem a concordância como um compartilhamento de traços entre os elementos envolvidos, e não como uma relação de dependência de um elemento a outro. A teoria adotada no capítulo é a

abordagem multissistêmica: Castilho (2009). São analisados três tipos de concordância: concordância plena (CP), concordância zero (CØ) e concordância por reanálise (CR). Os autores procuraram identificar as categorias gramaticais, lexicais, semânticas e discursivas que se correlacionam com a expressão da concordância.

- i. Léxico e concordância: as classes dos substantivo, adjetivo, artigo, pronomes, verbo expressam concordância, ao passo que as conjunções, preposições e advérbios não exibem esse comportamento, embora exista marca de gênero, como em *menas pessoas*, e de plural em *ques pessoa*. Substantivos que apresentam gênero natural coocorrem na CP de gênero; substantivos que apresentam gênero arbitrário coocorrem com a CØ de gênero; substantivos coletivos e expressões quantificadoras relacionam-se com a CØ de número.
- ii. Gramática e concordância: a posição de termos interfere nas relações de concordância. Assim, a anteposição do termo X ao termo Y relaciona-se com a CP; a posposição e o distanciamento relacionam-se com a CØ. As categorias gramaticais de gênero e número têm um comportamento assimétrico: mantém-se com mais vigor a CP de gênero; os Especificadores, principalmente na primeira posição, mantêm os traços de número e pessoa quando as outras classes os perdem.
- iii. Semântica e concordância: adjetivos e verbos predicativos relacionam-se com a CP. As representações da categoria cognitiva de QUANTIDADE assumem um papel crucial nas regras de concordância.
- iv. Discurso e concordância: o tópico discursivo, os participantes do discurso e os gêneros discursivos correlacionam-se com as regras de concordância.
- v. Papel regulador do dispositivo sociocognitivo: os três tipos de concordância analisados (CP, CR e CØ) decorrem desse dispositivo; a CP se mantém majoritária e a CR é um fenômeno bastante complexo que indicia a alteração das regras de concordância; já o funcionamento da CØ parece não ser um fator decisivo para o desaparecimento das regras de concordância.

Neste, e nos demais volumes da *História do Português Brasileiro*, concentra-se a atenção na România Nova. O leitor encontrará aqui novos temas e novas formas de estudar a diacronia de uma língua natural.

INTRODUÇÃO

Ataliba T. de Castilho

Este volume 5 da série *História do Português Brasileiro* publica pesquisas sobre a mudança sintática das construções do português brasileiro (PB), elaboradas sob uma perspectiva funcionalista, concentradas nos seguintes polos:

1. Semântica de *Frames*;
2. Abordagem multissistêmica da mudança linguística.

Essas opções serão brevemente examinadas a seguir, juntamente com a metodologia da pesquisa e o *corpus* de análise. Agradeço a Janaina Olsen pela ajuda na elaboração da seção “Semântica de *Frames*”.

SEMÂNTICA DE FRAMES

Desenvolvida por Fillmore (1975, 1976, 1977, 1979, 1982, 1985) ao longo de mais de quatro décadas, a Semântica de *Frames*, um projeto de pesquisa sobre Semântica empírica, tem alcance do léxico às construções gramaticais e ao discurso a partir da noção central de *frame*, sustentada por, pelo menos, quatro conceitos-chave: (i) expectativa, (ii) experiência, (iii) protótipo e (iv) perspectiva.

O conceito (i), atrelado à “estrutura de expectativa”, pode ser encontrado, na literatura, relacionado a: esquema, cenário, script, modelo cognitivo, moldura, enquadre, bem como é contemplado por diferentes áreas do conhecimento: Psicologia Cognitiva, Psicologia Social, Inteligência Artificial, Sociologia, Antropologia, entre outras áreas. Os estudiosos desses diferentes campos variam na utilização dos termos, tendo, em comum, a crença em modelos de organização do conhecimento.

Na Semântica de *Frames*, as “estruturas de expectativa” são resultado da organização do conhecimento dos seres humanos com base em suas ex-

periências no mundo (Tannen, 1993: 16) e em sua cultura. Tais estruturas são fundamentais para a construção do sentido do material linguístico uma vez que são responsáveis pela ativação de cenas prototípicas que instanciam o contexto de ocorrência, isto é, de uso, de um determinado item ou de uma expressão lexical.

Um EVENTO COMERCIAL, por exemplo, ativa, através da expectativa, pautada nas experiências dos falantes, uma cena prototípica em que as entidades ou os elementos “vendedor”, “comprador”, “mercadorias” e “dinheiro” e as ações a eles relacionadas “vender”, “comprar”, “ser comprada” ou “ser vendida” formam, em conjunto, os melhores representantes desse evento, contribuindo, portanto, para a construção do sentido de evento comercial: Fillmore (1982: 116). De modo análogo, “pai” e “filho” se interdefinem em uma cena prototípica por haver uma expectativa de existência de um perante a existência do outro, dada a representatividade desses itens no *frame* FAMÍLIA: Fillmore (1985: 224).

Caracterizada como uma Semântica da Compreensão (*U-Semantics*: Fillmore, 1985: 222), e considerando a existência de uma Semântica da Verdade (*T-Semantics*), a Semântica de *Frames* tem como ponto de partida, de um lado, a insuficiência das *checklists*, lista de condições para a descrição do significado de um item ou expressão lexical e, de outro, a importância da continuidade entre linguagem e experiência.

A propósito, as experiências, conceito-chave para Fillmore (1977, 1979, 1982), são ativadas pelo falante com o objetivo, em um dado contexto, de compreender determinada construção linguística através de seu conhecimento de mundo e de sua cultura, conforme já dito. Para exemplificar, cita uma situação em que uma fruta é descascada e cortada em duas partes, mais especificamente, ao meio, tal como, geralmente, se corta uma laranja: Fillmore (1975: 128). Tal atitude, parte constituinte da experiência e do conhecimento envolvido, motivou a evocação do item lexical “laranja”, mesmo a fruta sendo, na verdade, uma uva, demonstrando, portanto, a importância da experiência na evocação de *frames*.¹

A ativação de um determinado item lexical (“laranja”) dentro da categoria FRUTA, e não de outro, também põe em relevo a prototipicidade, outro processo incluso na Semântica de *Frames*. Tendo em vista a noção de protótipo desenvolvida por Eleanor Rosch (1973, apud Fillmore, 1982: 117), o protótipo, na Semântica de *Frames*, é aquele tradicionalmente concebido

como o mais facilmente reconhecido em uma categoria, sendo o seu “melhor exemplo” (Rosch, 1973).

Apropriando-se desse conceito, a Semântica de *Frames* considera, na composição de um *frame*, as cenas prototípicas, isto é, as melhores representantes do uso de uma construção linguística. Dessa forma, as entidades e os elementos mais representativos de uma categoria são evocados em uma cena, conseqüentemente, prototípica, contribuindo para a construção de sentidos dos itens lexicais pertencentes a um *frame*.

Como exemplo, Fillmore (1975: 128) utiliza o item lexical *bachelor*, passível de ser traduzido para o português como “solteirão”. A expectativa é de que esse item lexical não seja utilizado para fazer referência, por exemplo, ao papa ou a um homem divorciado, isso porque há uma cena prototípica de homens que se casam no início da vida adulta, uma única vez e permanecem, geralmente, casados a vida toda. “Papa” e “homem divorciado” não fazem parte dessa cena prototípica, sendo, nesse contexto, atípicos e, portanto, não se enquadrando no *frame* SOLTEIRÃO.

No processo de descrição dos sentidos através da evocação de cenas prototípicas baseadas em uma expectativa que, por sua vez, é criada pela experiência dos falantes, Fillmore destaca a existência de perspectivas sobre tais cenas prototípicas.

O conceito (iv), de perspectiva, emerge do fato de cada cena não ser representada em sua totalidade, mas ser perspectivada, tendo uma parte focalizada, havendo, assim, uma “âncoragem perspectival particular” (1977: 59) entre as entidades ou os elementos envolvidos em um mesmo *frame*.

Para exemplificar, voltemos à cena prototípica evocada por EVENTO COMERCIAL. Nessa cena, o verbo “comprar” focaliza as ações do comprador em relação à mercadoria (“coisas compradas”), colocando em segundo plano o vendedor e o dinheiro; o verbo “vender” focaliza as ações do vendedor em relação à mercadoria (“coisas vendidas”), colocando em segundo plano o comprador e o dinheiro; o verbo “pagar” focaliza as ações do “comprador” em relação ao dinheiro e ao vendedor, colocando em segundo plano a mercadoria, e assim por diante: Fillmore (1982: 116). Dessa forma, o *frame* estrutura o sentido de itens lexicais que são passíveis de ser tomados em diferentes perspectivas.

Cabe ainda destacar que, além de propor um programa teórico em Semântica empírica que destaca a continuidade entre linguagem e experiência

através dos conceitos-chave explicitados, a Semântica de *Frames* também embasa a criação de um conjunto de ferramentas analíticas de cunho linguístico-computacional impulsionada pela base on-line de dados lexicais *FrameNet*² de Berkeley.

A partir da ideia central da Semântica de *Frames* de que o significado de itens e expressões lexicais podem ser descritos através de *frames* (Fillmore et al., 2003), a *FrameNet* norte-americana tem por objetivo organizar, em suporte eletrônico, uma descrição lexicográfica de propriedades semânticas e sintáticas de Unidades Lexicais (construções linguísticas que evocam um *frame*) da língua inglesa, baseada em *corpora*.

Essa rede de *frames* é motivadora na medida em que vem estimulando a construção, de modo similar, de bases multilíngues, tal como a versão brasileira (Salomão, 2009), a alemã (Boas, 2005), a espanhola (Subirats, 2009), a japonesa (Ohara e Hiroaki, 2003), entre outras, contribuindo para o aumento, na última década, do interesse pelo uso da Semântica de *Frames*. O sexto capítulo deste volume se vale em parte da Semântica de *Frames*.

ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

A abordagem multissistêmica da mudança linguística inclui-se no modelo funcionalista-cognitivista, mas dele se diferencia por partir da epistemologia da ciência dos domínios complexos. Postula-se a língua como uma entidade multilinear, cujas categorias operam simultaneamente, integrando quatro sistemas, sem regras de determinação entre eles, rejeitando-se a ideia de que um sistema deve ser assumido como central e os demais como periféricos. Centralidade e periferia são conceitos de interesse para o estudo dos produtos, não dos processos de criação linguística, que é o objeto da abordagem multissistêmica.

Na agenda de pesquisas dessa abordagem, a gramaticalização é entendida como um processo linguístico entre outros, ou seja, a lexicalização, a semanticização e a discursivização, demandando-se um trabalho necessariamente interdisciplinar para sua execução. A postulação dessa abordagem decorreu da interpretação das pesquisas brasileiras sobre a língua falada.

Os projetos que elegeram a língua falada como seu objeto empírico, desenvolvidos nos últimos 40 anos em nosso país, modificaram nossos hábitos científicos, numa dimensão ainda não avaliada pela Historiografia Linguística.

Focalizando a atenção no Projeto Nurc e no Projeto de Gramática do Português Falado, nota-se que eles encararam uma modalidade linguística mais reveladora dos processos de criatividade e mudança linguística que a língua escrita.³ A documentação, a transcrição e a análise da língua falada aí empreendidas forneceram os fundamentos para a abordagem multissistêmica aqui caracterizada.

Essa abordagem postula uma língua natural como um sistema de sistemas, dinâmico e complexo, deixando-se de lado o entendimento da gramaticalização como um epifenômeno: Castilho (2007a-b, 2009a-b).

Ela assenta nas seguintes premissas:

- (1) *Do ângulo de sua produção, as línguas serão definíveis como um conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.*

Os estudos da oralidade levantaram o véu da língua-enquanto-processo. As pesquisas sobre a gramaticalização tratam de um dos processos linguísticos, mas fazia falta enquadrá-la entre os outros processos de criação linguística, empreendimento aqui tentado.

Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i) simultaneamente, não sequencialmente, (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas), (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares). Esses processos podem ser razoavelmente articulados e concentrados nos quatro domínios mencionados: (1) lexicalização, (2), discursivização, (3) semanticização e (4) gramaticalização.

- (2) *Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.*

A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas ao mesmo tempo em quatro sistemas: (1) léxico, (2) discurso, (3) semântica e (4) gramática.

Esses sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, não se admitindo que um sistema derive de outro, nem se proporrá uma hierarquia entre eles. Isto significa que não se postulará a existên-

tência de sistemas centrais e de sistemas periféricos. Reformulo com isto Castilho (2003), em que tinha proposto o Léxico como o módulo central das línguas naturais, violando assim o princípio da indeterminação intersistêmica. Qualquer expressão linguística exhibe *ao mesmo tempo* características lexicais, discursivas, semânticas, gramaticais.

Como um conjunto de processos ou como um conjunto de produtos ordenados em sistemas, a língua depende de uma articulação intersistêmica que assegure a eficácia de seu uso. O dispositivo sociocognitivo promove essa articulação. Esse dispositivo tem uma dimensão cognitiva e uma dimensão social.

O dispositivo é “cognitivo” porque se fundamenta em categorias e subcategorias cognitivas, além dos traços semânticos inerentes delas derivados. Algumas dessas categorias e subcategorias são enumeradas a seguir, lembrando que estes construtos não são exclusivos nem negativos, antes problemáticos e integrativos:

- A categoria de PESSOA é representada pelos pronomes e pelas flexões pessoais do verbo.
- A categoria de COISA é representada pelos substantivos, pelas flexões de número, e pelas subcategorias (i) contável (= descontínuo, limitado)/não contável (= massa, ilimitado), (ii) definido/indefinido etc.
- A categoria de ESPAÇO e TEMPO são representadas pelos pronomes, adjetivos e advérbios circunstanciais, pelas preposições, e pelas subcategorias (i) espaço referencial/espaço mental, (ii) posição no espaço (= verticalidade/horizontalidade/transversalidade), (iii) distância/proximidade no espaço (= distal/proximal), (iv) disposição espacial num recipiente real ou fictício (= continente/conteúdo), (v) posição no tempo (= passado, presente, futuro), (vi) distância/proximidade no tempo (= remoto, próximo) etc.
- A categoria de VISÃO é representada (i) pelo aspecto perfectivo/imperfectivo, (ii) pelas relações discursivas de fundo/figura, (iii) pela perspectiva estática/perspectiva dinâmica dos EVENTOS etc.
- A categoria de MOVIMENTO é representada pela deslocação de constituintes fonológicos, morfológicos e sintáticos no enunciado, compreendendo as subcategorias de (i) movimento factual, (ii) movimento fictício (Talmy, 2000, v. 1: 99 e ss.) etc.

- A categoria de EVENTO é representada pelos verbos e pelas subcategorias de (i) telicidade/atelicidade, (ii) semelfactividade/iteratividade, (iii) causatividade/resultatividade etc.

Mas o dispositivo sociocognitivo é também “social” porque sua postulação assenta nas estratégias da conversação, entendida como uma atividade linguística básica.

Castilho (2000) hipotetizou que o momento crucial da mudança se localiza nos atos conversacionais. Quanto mais heterogênea é a comunidade, maior o distanciamento sociolinguístico entre falante e ouvinte, obrigando-os a um esforço correspondentemente maior para a manutenção da conversação – e a língua acelera sua mudança. Inversamente, quanto mais homogênea é a comunidade, maior a aproximação sociolinguística entre os interlocutores, menor será esse esforço – e a língua diminui seu ritmo de mudança.

Por outras palavras, a heterogeneidade social deve acarretar o inovadorismo, ao passo que a homogeneidade deve acarretar o conservadorismo linguístico. O exame da estrutura sociolinguística brasileira a partir desses parâmetros poderá mostrar por que tivemos momentos de aceleração ou de vagarosidade na mudança do PB. Vários capítulos reunidos neste volume apontam para esses ritmos de mudança.

Interpretando os achados da Análise da Conversação e do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), é possível notar que o falante ativa, reativa e desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da criação de seus enunciados, constituindo dessa forma as expressões que pretende “pôr no ar”.

Segue-se uma breve apresentação desses princípios.

Princípio da Ativação ou Princípio de Projeção

Quando conversamos, tentamos o tempo todo prever os movimentos verbais do interlocutor, isto é, se ele completou sua intervenção, se ela ainda está em curso, se devemos antecipar o momento de nossa entrada no curso da fala etc. Para dar conta desse mecanismo, que assegura a manutenção da conversação, Sacks, Schegloff e Jefferson (1974: 702) postularam um “componente de construção de turnos” cujas unidades-tipo, isto é, palavras, sintagmas e sentenças com os quais o falante constrói seu

turno, “projetam a próxima unidade-tipo”, numa sorte de antecipação da atuação verbal do interlocutor.

Castilho (1998) considerou que sobre essas afirmações assenta o Princípio de Projeção, responsável pela ativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais. O Princípio de Ativação assegura a vigência do Princípio de Cooperação formulado por Grice (1982).

Princípio da Reativação ou Princípio da Recursão

Quando conversamos, temos frequentemente de mudar o rumo da interação, corrigindo nossas próprias intervenções (= autocorreção), ou corrigindo a intervenção do interlocutor (= heterocorreção). O sistema de correção conversacional busca eliminar os erros de planejamento.

Assentado na estratégia de correção pragmática, o Princípio de Recursão das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais explica muitos fenômenos encontrados nos documentos de língua.

Princípio da Desativação ou Princípio da Elipse

Na conversação também se observam movimentos de abandono ou desativação de uma estratégia em curso, e conseqüente reativação de outra. Isso explica as *despreferências*, termo proposto por Marcuschi (1983). A estratégia da “despreferência” consiste em verbalizar o que não é esperado, violando-se o princípio de projeção pragmática. Isso ocorre quando respondemos a uma pergunta com outra pergunta, quando recusamos um convite, etc. Nestes casos, cria-se na conversação um “vazio pragmático”: Marcuschi (1986, 1991). Proponho que o Princípio de Elipse assenta sobre a estratégia de despreferência.

A desativação é, portanto, o movimento que ocasiona o abandono de propriedades que estavam sendo ativadas. Gera-se um silêncio no planejamento verbal, a que se seguem simultaneamente as ativações e as reativações.

É importante enfatizar que esses princípios operam ao mesmo tempo, não sequencialmente, numa forma prevista por Lakoff (1987). Assim, a desativação ocorre simultaneamente com a ativação, e esta com a reativação, o que compromete o princípio da unidirecionalidade, se estivermos considerando os mecanismos de produção linguística.

Os princípios sociocognitivos agem por acumulação de impulsos, e somente assim poderemos dar conta da extraordinária complexidade da linguagem.

É digno de nota constatar-se que os pesquisadores das redes neurais chegaram aparentemente a uma conclusão semelhante, assim descrita por Cilliers (2000: 67, grifos nossos):

*Uma rede neural consiste numa grande coleção de nós interconectados, ou “nêurons”. Cada nêuron recebe contribuições de muitos outros [nêurons]. Cada conexão tem certa “força” associada a ela, chamada “peso” dessa conexão. Esses pesos têm valores reais que podem ser ou positivos (excitatórios), negativos (inibitórios) ou zero (implicando em que os dois nêurons respectivos não estão conectados).*⁴

Avesso aos princípios apriorísticos e mais afeito às pesquisas indutivas, o Funcionalismo em sua vertente cognitivista parece mais apto a encarar a complexidade linguística. A busca do equilíbrio dos sistemas é uma quimera. Marchar ao encontro das instabilidades, incluí-las no modo de fazer ciência, são as tarefas aqui preconizadas.

A agenda de pesquisas da abordagem multissistêmica sobre a mudança linguística desenvolve indagações sobre lexicalização e léxico, discursivização e texto, semanticização e semântica, gramaticalização e gramática. A pesquisa pode começar por qualquer sistema, desde que não se detenha num deles, donde o caráter necessariamente coletivo do empreendimento.

Aparentemente, a compartimentação científica que testemunhamos no século passado está por desaparecer. O século atual aponta para uma ciência transdisciplinar (não para uma simples interdisciplinaridade) que demandará o concurso de cientistas dotados de várias habilidades.

Esse alto grau de exigência já vinha ocorrendo no campo da Linguística Histórica, cujos limites foram claramente alargados no final do século passado, segundo Lightfoot (2006: 11):

[...] um linguista histórico moderno precisa ser generalista e entender de diferentes subáreas – teoria gramatical, variação, aquisição, uso de gramáticas e análise do discurso, segmentação e compreensão da fala, análise textual, e história das línguas.⁵

Passamos a caracterizar sumariamente a agenda da abordagem multissistêmica.

Lexicalização e léxico

O léxico é aqui entendido como léxico mental, cujo objeto são matrizes cognitivas armazenadas no cérebro, associadas à sua representação linguística. Estuda-se o léxico mental focalizando a associação dessas matrizes e as formas e os significados lexicais e gramaticais ativados durante a produção e a compreensão da língua.

A lexicalização é o processo de criação de itens lexicais, (i) por etimologia (lexicalização ocorrida já na língua-fonte), (ii) neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo), (iii) derivação (lexicalização ocorrida na língua-alvo, por meio de desdobramentos de itens preexistentes), (iv) ou por empréstimo (lexicalização por contato linguístico). Os itens agrupam-se nas seguintes **categorias lexicais**: substantivo, pronome, verbo, adjetivo, advérbio, artigo, conjunção, preposição. Cada item disposto nessas classes representa a lexicalização de uma determinada matriz de traços, não sendo o caso de admitir que um substantivo gera um advérbio, e este uma preposição, e assim por diante, como se lê na literatura sobre gramaticalização.

Na aquisição do léxico, provavelmente adquirimos em primeiro lugar as categorias e subcategorias cognitivas, tanto quanto a habilidade de combiná-las em diferentes padrões, reunidos por convenção social nas palavras.

Lexicalização e léxico, em suma, podem ser entendidos nos quadros de um *continuum* que vai da cognição pré-verbal para a expressão verbal, da *língua-energeia* para a *língua-ergon*, para retomar a clássica distinção formulada por Humboldt (1990 [1886]).

Durante a interação, locutor e interlocutor tomam decisões sobre como lexicalizar, que propriedades lexicais ativar, reativar ou desativar. Essa administração configura um conjunto de momentos, termo que aqui tomo em seu sentido etimológico de “movimentos” mentais.

A ativação lexical (*lexicalização*) é o movimento mental de escolha das categorias cognitivas e de seus traços semânticos e seu misterioso agrupamento nas palavras. Para uma exemplificação, ver Castilho (2004a).

A reativação lexical (*relexicalização*) é o movimento mental por meio de que rearranjamos as propriedades lexicais e as palavras que as representam, renovando o léxico. Assim, o latim vulgar relexicalizou a preposição *ante*, surgindo, assim, *abante*, *deante*, *exante*, *inante*. O português preservou quase todos esses itens, de que resultaram também por relexicalização: (i) o pronome-advérbio *antes*, com *-s* paragógico, (ii) as preposições *avante*,

diante [< *de in ante*], *adiante* [< *ad de in ante*], a segunda das quais deu surgimento a advérbios complexos como *de hoje em diante*, e (iii) o prefixo *ante-*, que aparece em substantivos (*antanho*, *antecipação*, *antebraço*, *avanguarda/vanguarda* etc.), em pronomes advérbios de tempo (*antes-de-ontem*, *anteontem*, *antemanhã*), e em verbos (arc. *avantar*, *antevir*, *avançar* [<**abantiare*]): Machado (1956), s.v. *ante*.

A desativação lexical (*deslexicalização*) é a morte das palavras. Crystal (2000: 22) mostra que a perda lexical é maior em determinados campos semânticos que em outros, afetando inicialmente as palavras que designam as partes do corpo humano. Alguns autores admitem que as seguintes preposições estão em processo de substituição no PB: *a* por *em/para*, *em* por *ni*, *de* por *desde*, *ante* por *diante de* e *após* por *depois de*. O item que sai e o item que o substitui entram inicialmente em variação, assumindo uma das variantes um valor mais geral, e outra um valor mais específico, até que a troca lexical seja consumada. Quando uma preposição A é trocada por uma preposição B, é de supor-se que A esteja morrendo.

Semanticização e Semântica

A semanticização é o processo de criação, alteração e categorização dos sentidos. Esse processo compreende a semanticização léxica, a semanticização sintática e a semanticização discursiva.

Na semanticização, o dispositivo sociocognitivo desencadeia diversas estratégias por meio das quais (i) emolduramos os participantes via criação de *frames*, *scripts* e cenários, (ii) hierarquizamos os participantes via fixação de perspectivas, escopos, figura/fundo, (iii) estabelecemos e combinamos espaços mentais, (iv) predicamos e “verificamos” os participantes por meio de processos tais como inclusão/exclusão, afirmação/negação, focalização, (v) movimentamos os participantes, real ou ficticiamente etc.

A ressemanticização, ou alteração de sentidos, decorre da mudança de nossa perspectiva sobre os participantes, via metáfora, metonímia, especialização, generalização etc. Dada a natureza constitutivamente dinâmica da língua, a alteração dos sentidos é um processo contínuo, que suscita muitas perguntas.⁶

A Semântica é o domínio gerado pela semanticização, caracterizado pelas **categorias semânticas** (i) lexicais: referenciação ou designação, paráfrase

e sinonímia, contradição e antonímia, polissemia, hiperonímia, hiponímia, meronímia; (ii) gramaticais: metonímia, predicação e papéis temáticos, apresentação, verificação, junção preposicional e conjuncional; (iii) discursivas: metáfora, foricidade (anáfora e catáfora), dêixis locativa e temporal, inferência e pressuposição, paráfrase, articulação tema-remática. Para um detalhamento, ver Castilho (2014).

Em seus primeiros momentos, a Semântica se ocupou da mudança e da categorização dos sentidos, concentrando-se na Semântica Lexical.

A Semântica Gramatical ocupa-se dos processos de troca de propriedades de itens dispostos em contiguidade sintagmática. Como esse ramo das pesquisas lida com o **significado** resultante da incidência de umas palavras sobre outras, ele pode também ser integrado na Semântica Sintática.

A Semântica Discursiva trata das **significações** geradas no espaço que medeia entre os locutores e os signos linguísticos, em que surgem significados não contidos nas palavras nem nas construções gramaticais.

A ativação semântica (*semanticização*) corresponde à criação dos significados, de que resultam as categorias semânticas mencionadas anteriormente. Para retomar o exemplo da preposição, *ante* e *perante* predicam seu complemento preservando seu valor prototípico quando o PONTO DE REFERÊNCIA é lexicalizado por OBJETO, seja /concreto/, como em “foi condenável seu comportamento **ante** o tribunal”, seja /abstrato/, como em “não poderemos ficar mudos **ante** o espetáculo de quebra de ética em nosso parlamento”.

A reativação produz na semântica as *ressemanticizações*, alterando-se sua representação das categorias cognitivas.

A desativação semântica (*dessemanticização*) está por trás das alterações de sentido provocadas pelas metáforas, pelas metonímias, pela especialização e pela generalização, por meio dos quais “silenciamos” o sentido anterior e simultaneamente ativamos novos sentidos. A literatura denomina o primeiro processo de “desbotamento de sentido” (inglês *bleaching*).

A Semântica Histórica poderá encontrar nas *ressemanticizações* e nas *dessemanticizações* seu grande campo de pesquisas.

Discursivização e texto

O termo “discurso” envolve realidades bastante diversas. Ele será tomado aqui, simplificadamente, como conversação e como o texto que daí resulta.

A discursivização, portanto, é o processo de criação do texto. Nele se abriga um conjunto de atividades de negociação conversacional em que se envolvem o locutor e o interlocutor (ou o autor e o leitor), através das quais (i) se instanciam as pessoas do discurso e se constroem suas imagens, (ii) se organiza a interação através da elaboração do tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro, informar ou exteriorizar sentimentos, (iii) se reorganiza essa interação através dos procedimentos de correção sociopragmática, (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros tópicos discursivos, e (v) se estabelece a coesão textual por meio de expedientes vários.

O produto da discursivização é o texto e sua ordenação em gêneros discursivos. Os achados dos pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado permitem propor as seguintes **categorias textuais-discursivas**:⁷ (i) unidades tópicas, (ii) quadro tópico, (iii) reformulação do quadro tópico (repetição, correção, parafraseamento), (iv) descontinuação do quadro tópico (hesitação, interrupção, parentetização) e (v) conexão textual (marcadores discursivos, conectivos textuais).

Os estudos sobre discursivização revelam o desconforto dos pesquisadores quando tratam os temas citados como casos de gramaticalização, visto que se estaria fazendo confluír numa mesma dimensão processos linguísticos de variada ordem.

No sistema discursivo, o princípio de ativação (*discursivização*) produz a construção das unidades tópicas, a hierarquização dos tópicos e sua conexão, estudadas em Castilho (1989), Jubran e Koch (2006).

O princípio de reativação (*rediscursivização*) abre caminho à repetição dos enunciados, à sua correção e parafraseamento, que asseguram a coesão do texto, alterando seu eixo argumentativo, entre outras estratégias.

A desativação produz no sistema discursivo a *desdiscursivização*, de que resulta o abandono da hierarquia tópica, que ocorre quando os locutores desenvolvem estratégias tais como os parênteses e as digressões.

Gramaticalização e gramática

Dos quatro processos de constituição da língua, a gramaticalização é de longe o mais estudado. Na abordagem multissistêmica, a atuação da gramaticalização circunscreve-se à criação e às alterações da estrutura fonológica

das palavras (fonologização), à criação e às alterações da estrutura da palavra, seu radical e seus afixos (morfologização) e à criação e às alterações que afetam a estrutura da sentença, sua reanálise e seus arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização).

A gramática é o sistema daí resultante, constituído pelas estruturas em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas: a Fonologia, que descreve as estruturas fônicas, a Morfologia, que descreve a estrutura da palavra, e a Sintaxe, que descreve as estruturas sintagmática e funcional da sentença. Para ordenar as reflexões sobre a gramática têm sido consideradas (i) as diferentes classes que a compõem, (ii) as relações estabelecidas entre essas classes e (iii) as funções que elas desempenham no enunciado. São **categorias gramaticais** o fonema, a sílaba, o morfema, a palavra, o sintagma e a sentença.

A ativação das propriedades gramaticais (*gramaticalização*) é responsável pela construção dos sintagmas e das sentenças, pela ordenação dos constituintes no enunciado, pela concordância, pela organização da estrutura argumental etc. Três processos constituem o campo da gramaticalização: (i) a fonologização, (ii) a morfologização, (iii) a sintaticização.

A reativação das propriedades gramaticais produz a *regramaticalização* das construções, captada na literatura por meio dos termos *poligramaticalização* e *reanálise*. A reanálise e a repetição constituem tipos de regramaticalização. Reanalisam-se sintagmas e as sentenças, o que acarreta mudanças da fronteira sintática. Repetem-se as palavras, para criar a constituência sentencial, fato que examinei em Castilho (1997a-b). O redobramento sintático, cujas consequências na organização da gramática do português brasileiro foram examinadas em Moraes de Castilho (2013), é igualmente um caso de reativação de propriedades gramaticais. Também a concordância ilustra a reativação de propriedades gramaticais: ver capítulo “Diacronia da concordância” deste volume.

A desativação das propriedades gramaticais (*desgramaticalização*) é responsável pela categoria vazia, de que se encontram exemplos na Fonologia (“erosão” fonética, omissão do núcleo silábico etc.), na Morfologia (morfema flexional zero) e na Sintaxe (elipse de constituintes sentenciais, ou categoria vazia). Capitulo-se aqui igualmente o fenômeno da ruptura da adjacência estrita, minuciosamente estudado pelos pesquisadores do PGPF.

Em seu livro de introdução à Linguística, Bagno (2014: 23-27) integra esta proposta entre outras teorias linguísticas.

NOTAS

- ¹ Situação descrita por Fillmore com base em uma situação vivida por Mary Erbaugh.
- ² framenet.icsi.berkeley.edu
- ³ A interpretação teórica desses achados tem motivado Nascimento (1993; 2005), Castilho (1998; 2003c, 2004) e Kato (2006), os quais desenvolveram reflexões fundadas nos mais de duzentos ensaios preparados, debatidos e publicados pelo Projeto de Gramática do Português Falado.
- ⁴ “*A neural network consists of a large collection of interconnected nodes or ‘neurons’. Each neuron receives inputs from many others. Every connection has a certain ‘strength’ associated with it, called the ‘weight’ of that connection. These weights have real values that can be either positive (excitatory), negative (inhibitory) or zero (implying that the two respective neurons are not connected)*” (ênfase acrescentada).
- ⁵ “[...] a modern historical linguist needs to be a generalist and to understand many different subfields – grammatical theory, variation, acquisition, the use of grammars and discourse analysis, parsing and speech comprehension, textual analysis, and the history of languages”.
- ⁶ Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991a) fornecem um quadro de interesse para captar as translações de sentido e partir de categorias cognitivas de base.
- ⁷ Essas categorias estão calcadas em Castilho (1989, 1998: CAP. III) e em Clélia C. S. Jubran e Ingedore G. V. Koch (2006).